

CAMINHEIRO ERRANTE

I

Para onde vais caminheiro errante?
Não vês que a estrada pouco te oferece?
O que construístes, agora te aborrece!
Faça a mala da paz, pense um instante.

II

Depois que ornaste a grande construção,
Depois que fizeste brilhar o teu ladrilho!
Colocando nas mãos de cada filho ...
O teu jorrante suor da educação,

III

A vida é assim, grande caminheiro!
Murcham, caem e nascem flores e botões;
Aparecem intempéries e revoluções;
Dentro do universo do nosso canteiro

IV

Carrega esse fardo abandona o tédio;
Há espinhos e pedras no caminho,
Escala as pedras, quebra todo espinho,
Busque na natureza o melhor remédio.

V

Caminha pois em busca do troféu,
Que ganhaste na grande maratona;
De todos eles a natureza é dona;
Com festejos da luz que está no céu.

VI

Revê o projeto e suas dimensões,
Deixa para traz todas as pedreiras,
Pináculos, espinhos são nossas bandeiras,
As marcas das lutas são constelações.

VII

Eternamente serás um caminheiro,
Na trepidez do silêncio puro e calmo,
Leve no teu peito o que diz o salmo.
Faça da Bíblia o teu travesseiro.

Francisco A. Fernandes - Major Sales-RN



De Khalil Gilbran

Quando o amor te acenar, segue-o,
ainda que por caminhos ásperos e íngremes.

E quando suas asas te envolverem,
rende-te a ele,
ainda que a lâmina escondida sob suas asas possa ferir-te.

E quando ele te falar, acredita no que ele diz,
ainda que sua voz possa destroçar teus sonhos,
assim como o vento norte açoita o jardim.

Pois, se o amor te coroa, ele também te crucifica.
Se te ajuda a crescer, também te diminui.
Se te faz subir às alturas
e acarícia teus ramos mais ternos, que tremem ao sol,
também te faz descer às raízes
e abala a tua ligação com a terra.

Como os feixes de trigo, ele te mantém íntegro.
Debulha-te até que fiques nu.
Transforma-te, retirando a tua palha.
Tritura-te, até que estejas branco.
Amassa-te, até que te tornes macio;
e então te apresenta ao fogo,
para que te transformes em pão,
no banquete sagrado de Deus.

Todas essas coisas pode o amor realizar,
para que saibas dos segredos do teu coração,
e com esse conhecimento sejas um fragmento
do coração, da vida.

A pedido de Joaldino Teodoro dos Santos

DECISÃO

(Decisão proferida pelo juiz Rafael Gonçalves de Paula nos autos nº 124/03 - 3ª Vara Criminal da Comarca de Palmas-TO).

Trata-se de auto de prisão em flagrante de Saul Rodrigues Rocha e Hagamenon Rodrigues Rocha, que foram detidos em virtude do suposto furto de duas (2) melancias. Instado a se manifestar, o Sr. Promotor de Justiça opinou pela manutenção dos indiciados na prisão.

"Para conceder a liberdade aos indiciados, eu poderia invocar inúmeros fundamentos: os ensinamentos de Jesus Cristo, Buda e Ghandi, o Direito Natural, o princípio da insignificância ou bagatela, o princípio da intervenção mínima, os princípios do chamado Direito alternativo, o furto famélico, a injustiça da prisão de um lavrador e de um auxiliar de serviços gerais em contraposição à liberdade dos engratados que sonegam milhões aos cofres públicos, o risco de se colocar os indiciados na Universidade do Crime (o sistema penitenciário nacional)...

Poderia sustentar que duas melancias não enriquecem nem empobrecem ninguém.

Poderia aproveitar para fazer um discurso contra a situação econômica brasileira, que mantém 95% da população sobrevivendo com o mínimo necessário.

Poderia brandir minha ira contra os neo-liberais, o consenso de Washington, a cartilha demagógica da esquerda, a utopia do socialismo, a colonização europeia...

Poderia dizer que George Bush joga bilhões de dólares em bombas na cabeça dos iraquianos, enquanto bilhões de seres humanos passam fome pela Terra e aí, cadê a Justiça nesse mundo?

Poderia mesmo admitir minha mediocridade por não saber argumentar diante de tamanha obviedade.

Tantas são as possibilidades que ousarei agir em total desprezo às normas técnicas: não vou apontar nenhum desses fundamentos como razão de decidir.

Simplemente mandarei soltar os indiciados. Quem quiser que escolha o motivo.

Expeçam-se os alvarás. Intime-se. Palmas - TO, 05 de setembro de 2003.

Rafael Gonçalves de Paula
Juiz de Direito"

A pedido de José Alberto de Souza
Associado da AABNB

COMBUSTÍVEL MIDIÁTICO

Fácil de perceber - letras de caixa-alta, fundo musical, entonação vocal do informante - a notícia que vende e/ou prestigia o veículo de comunicação.

Ocorrências elogiosas, educativas, de feitos importantes, culturais, entre outras, são noticiadas de maneira modorrenta sem, portanto, calor informativo.

Na busca afanosa de encher a burra, a mídia cria situações provocatórias - de simples a torpes - de entreveros entre torcedores de times de futebol, para citar um caso que parece banal, mas que serve para alimentar querelas em competições esportivas.

Não escapam outros incitamentos, inclusive nas áreas política, administrativa, executiva e judiciária, para gerarem polêmicas, troca de insultos, xingamentos e até pancadaria, bem ao gosto da mídia, pois a esta não interessa a boa governança nem a paz entre as pessoas.

Em termos de tragédia, é de lembrar-se o doloroso caso ocorrido com a menina Isabela Nardone, pintado e zoad, por cerca de seis meses, alimentado pelo fato em si e pelas contradições periciais, da polícia e dos advogados de defesa e de acusação, afora a provocada comoção nacional, tudo isso constituindo boa matéria-prima para gáudio da mídia radiofônica, impressa e televisiva.

Que dizer da criminalidade? O crime cresce, alastra-se com toda sua artimanha e periculosidade, e é variegado - de trivial a terrificante - para prelibação dos profissionais da imprensa. Teriam eles interesse na, simples que fosse, mitigação do quadro?

Temos, no particular, problema sócio-educacional, e não dispomos de eficaz sistema de socialização do



Waldir Freitas

delinqüente, nem mão-de-obra para os fora-da-lei.

Mais não pode ser olvidado que a televisão, inobstante escudar-se no proceder cotidiano, dá mau exemplo e, no geral, continuado, qual nas novelas, onde o telexpectador chega a ser zombado com a cultuação da vilania; as perniciosas lições de bandidagem, falta de ética, corrupção e outro crimes, tudo minando a mente de crianças e adolescentes.

Demais disso, o Brasil não adota a pena mortal, ao passo em que o malfeitor, quando em vez, tira a vida de sua vítima, inocente que seja, causando indignação aos familiares e à comunidade como um todo!...

Alfim. "... a deformação profissional de todos os jornalistas: o gosto pela notícia importante, mesmo quando se trate de uma desgraça ou catástrofe." Do livro Os Mercadores da Noite, de Ivan Sant'Ana (pág. 24).

O PÔR DO SOL

Valdenor Silveira

O sol dá sinal de missão cumprida
E se esconde na toca do horizonte
No extremo oposto àquele da fonte
Que emite seus raios no romper d' aurora
Que aquecem a terra na exata medida
Do que não se lembra o homem de agora

Parece influir no oculto da mente
De cada pessoa deixando-a serena
Como se algo lhe desse um aviso:
Pare tudo, refletir é preciso,
É hora do ângelus e o fiel clemente
Eleva sua prece e ao alto acena

Estações de rádio criam programas
No fim da tarde variando canções
E uma saudade toca os corações
De lá do peito vem uma lembrança
De dias passados que viraram chamas
Às vezes, acesas desde criança

Os brutos também reagem na hora
E o seu instinto vai apontando o lugar
Pra relaxarem e lhes dar guarida
Tornando rotina por toda a vida
E dá a noção de sentirem o agora
O sinal do embora e o sim do voltar.

Expediente

Diretor responsável: Waldir Faria Freitas - Grupo Literário: Laurindo Ferreira, Luiz Mendes Filho, Francisco Alves de Alencar, José Alberto de Souza, Pedro Hudson de Paiva Silveira, Syllas Brasil Cordeiro e Waldir Faria Freitas - Colaboradores: Associados da AABNB

É vergonhoso, mas é a pura verdade.

É vergonhoso, mas infelizmente é a pura verdade, a maioria das pessoas valoriza mais os bens materiais, que os bens morais. Torna-se serviçal bajulador e venal. Para esses tipos de pessoas, nós valem pelo que temos e não pelo que somos. Não lhes interessam a maneira ou modo como alguém adquiriu e acumulou riquezas, mas, sim, o valor de sua conta bancária e do seu patrimônio. Para elas nós valem tanto quanto temos, e não como somos e o que somos. Antigamente havia uma marca de sabonete "Vale Quanto Pesa", e hoje há os homens: "que valem quanto têm". Se você tem uma conta "gorda" em bancos, carros e casas de luxo, não importa seu caráter, você é respeitado e bem tratado aonde você chegar.

Augusto Cury disse que "A nossa sociedade valoriza mais a embalagem, que o conteúdo". Pura verdade. Os vigaristas, os farsantes sempre são de boa aparência: belas vestes, belos carros, lindas jóias; bons perfumes e um "papo" de derrubar avião.

Hoje, você ser ou tentar ser honesto é considerado tolo, dizem até: "quem anda na linha é atropelado pelo trem". Ainda bem que o governo "Lula" vem apertando o cerco a esses maus exemplos. É pena que em nossas leis existam "brechas" que os livram de uma penalidade merecida, que causa revolta à população séria, que ainda existe em minoria em nosso país.

Os homens de caráter, de moral e de palavras cumpridas, estão em processo de extinção e em pequena quantidade de renovação, substituição.

O que se observa é um crescente número de mau caráter, sem moral, adutores, caluniadores, bajuladores, que para conseguir seus objetivos não



têm limites para seus atos ou ações por mais vergonhosos e condenáveis que sejam. Há quem questione: "Esses atos ou ações vergonhosos e condenáveis não doem em suas consciências?". Consciência? Gente dessa espécie não sabe o que é consciência, remorso, amor e respeito ao próximo, por mais próximo que ele seja.

Outras categorias que vêm crescendo também são as dos egoístas, egocentristas, traidores e maledicentes, usando as religiões para tentar camuflar ou esconder suas atitudes malélicas e às vezes até diabólicas. Lembrando mais uma vez o grande Augusto Cury: "O egoísta só vê segundas intenções nos outros". Pura verdade.

Augusto Cury disse também: "Existem dois deuses, um que criou os homens, e outro que os homens criaram". Como ele eu acredito fielmente no primeiro Deus.

"Javé é minha luz e salvação: de quem terei medo? Javé é a fortaleza da minha vida: frente a quem tremerei?" Salmo - 27,1.

Jeander Batista de Lucena - João Pessoa

GRIPE SUÍNA

Este é o apedido que a sociedade colocou na onda de medo e pavor que ultimamente vem assolando o Brasil, não sabemos se justificada ou injustificadamente; o certo é que o pavor é grande!

A pessoa não pode nem pegar uma poeirinha mais grossa pois, se aqueles maravilhosos filtros com que DEUS presenteou nossas narinas se ressentirem com o peso e ocasionarem aquela coceirinha boba, fazendo com que você dê aquele espirrinho inocente, que não tem importância alguma, a moçada já se afasta de você, dizendo impiedosamente e na sua cara - tá com a gripe suína!

Nas escolas e creches de nossa capital, tudo mudou; hoje não há como você adentrar a escola de seu filho ou a crechinha de seu neto, sem que lhe mostrem o lavabo com a velha e boa saboneteira ou lhe ofereçam, delicadamente: um pouquinho de álcool-gel nas mãos, Doutor! - Aceita?

A minha comadre, que fez recentemente o "tour" Miami/Orlando/Nova York, falou que, nos países lá fora não existe nada disso. Segundo eles, é coisa de brasileiro, mesmo!

A amiga da amiga da minha filha quase perdeu todo o seu ciclo de amizades, só porque foi ali à terra de "los hermanos" e voltou com uma gripezinha de nada; as amigas fugiram aos bandos e em revoada, como os sonhos da adolescência, no soneto de Raimundo Correia; e qua-se-não-voltam-mais; os exames da garota deram todos "n e g a t i v o" e só aí as pombinhas foram retornando, lentamente, ao seu antigo pombal.

Os aeroportos do Brasil, Deus nos acuda! Todo mundo de máscara, mais parece uma enorme sala de cirurgia! Dentro das aeronaves, então, cada aeromoça conduz um "spray" na mão, para desinfetar a grande bolha de ar, presa e pressurizada, do pavimento de passageiros, para que não se contamine com o vírus da gripe suína; brasileiro sabe cuidar de bolha: bolha de ar, bolha econômica, bolha de neve, é bolha que dá na canela, mas vamos acabar com esse medo de gripe suína, gente, e vamos cuidar da ética, combater os pedófilos e engavetar os "adelmacios" - êta cabras velhos macios para aviltarem a ética, invadir a intimidade das pessoas e penetrarem onde não lhes é permitido - bem pior que a gripe do porco!

LUIZ MENDES FILHO ou Luiz Cordel - Aposentado do BNB e membro da Academia Limoeirense de Letras.

POETA ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA

Nelson Souto

PATATIVA DO ASSARÉ
POETA DE QUALIDADE
VAI EM FRENTE E NÃO DÁ RÉ
AO RIMAR, SEM IGUALDADE

HOMEM SIMPLES, DO SERTÃO
CONSEGUIU FAZER POEMAS
COM CLASSE E ERUDIÇÃO

SEM INCIDIR EM DILEMAS
FRENTE A QUALQUER SABICHÃO

PROVOU QUE A LETRA DESTARTE
NÃO TEM INFLUÊNCIA NÃO
NO RIMAR, QUE É UMA ARTE

NOS VERSOS EM DISPOSIÇÃO
É QUE UM OU OUTRO PARTE
DO FUNDO DO CORAÇÃO

ASSIM, POETA É DOUTOR
QUE NEM TODOS PODEM SER
POIS TRABALHA EM LOUVOR
DO SEU INATO SABER

A melhor idade para aprender



Mário Quintana

Um dia descobrimos que beijar uma pessoa para esquecer outra, é bobagem.

Você não só não esquece a outra pessoa como pensa muito mais nela...

Um dia nós percebemos que as mulheres têm instinto "caçador" e fazem qualquer homem sofrer ...

Um dia descobrimos que se apaixonar é inevitável...

Um dia percebemos que as melhores provas de amor são as mais simples...

Um dia percebemos que o comum não nos atrai...

Um dia saberemos que ser classificado como "bonzinho" não é bom...

Um dia perceberemos que a pessoa que nunca liga é a que mais pensa em você...

Um dia saberemos a importância da frase: "Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas..."

Um dia percebemos que somos muito importantes para alguém, mas não damos valor a isso...

Um dia percebemos como aquele amigo faz falta, mas aí já é tarde demais...

Enfim...

Um dia descobrimos que apesar de viver quase um século esse tempo todo não é suficiente para realizarmos todos os nossos sonhos, para beijarmos todas as bocas que nos atraem, para dizer o que tem de ser dito...

O jeito é: ou nos conformamos com a falta de algumas coisas na nossa vida ou lutamos para realizar todas as nossas loucuras...

Quem não compreende um olhar tampouco compreenderá uma longa explicação.

A pedido do jornalista Kiko Barros

TITIA EM APUROS

Carlos Eduardo Novaes

Minha tia Valda, uma robusta senhora de 68 anos, gostou de uma camisa pólo que viu na vitrine de uma loja de artigos masculinos. Entrou e pediu para experimentar.

- Infelizmente não temos o seu tamanho nessa cor - respondeu o vendedor solícito.

Não sei se é uma maldição que persegue a nossa família, mas nunca conseguimos os artigos que nos atraem nas vitrines. Não tem a cor ou não tem o modelo ou não tem o tamanho. Uma ocasião, apaixonei-me por um sapato que vi numa vitrine em Copacabana. O vendedor fez-me sentar e apareceu com outro modelo (achando que ia me levar na conversa).

- Quero aquele da vitrine!

Infelizmente - disse ele - daquele nós só temos um pé!

É ou não é uma maldição? Acontece de tudo para frustrar os desejos de consumo da nossa família. É inacreditável, um sapato na vitrine sem o seu par. Levantei-me e reagi, carregado de indignação: O que houve com o outro pé? Venderam para o saci?

Tia Valda mal iniciou a ação de bater em retirada, e o vendedor logo despejou um monte de camisas diante da titia. - A senhora deve ficar muito bem de lilás.

Tia Valda preferiu a preta. Pegou a camisa e viu a letra P na etiqueta. Perguntou se não tinha M. Não tinha, mas para não perder a comissão, o vendedor preferiu dizer que P era o tamanho da titia. Qualquer vesgo verificaria que tia Valda, com seu corpo de halterofilista búlgara, não caberia dentro daquela camisa. O vendedor, porém, veio com a conversa de que o fabricante fazia números maiores e coisa e tal. Titia acreditou e se enfiou no cubículo de experimentar roupas, que só não se confunde com uma solitária porque há uma cortina no lugar de grades. Vestiu a camisa, constatou que o P significava P mesmo e, no momento de retirá-la, ela ficou presa no meio do caminho, cobrindo a cabeça de titia. Tia Valda ainda insistiu, debatendo-se entre as paredes do cubículo, mas a camisa encaixara como um navio num banco de areia. Braços erguidos, rosto coberto, titia começou a sentir calor, falta de ar e foi entrando em pânico. Para não sair da cabine às cegas, feito um boi-bumbá, resolveu gritar. Mas gritar o quê? Nunca tinha estado numa situação dessas. O que gritar quando se luta desesperadamente com uma camisa? Sem se lembrar de nada em especial, encheu os pulmões e berrou:

- Socorro! Socorro!

Era de ver: a loja inteira despencou na direção da cabine, vendedores, fregueses, até a moça do caixa foi atrás. Não se podia pensar num assalto: não cabem duas pessoas nessas cabines. Talvez uma barata. O vendedor que a atendia puxou a cortina e surgiu tia Valda, braços levantados, cabeça coberta, rodopiando feito uma vaca brava.

- Momentinho - pediu o vendedor - fique calma que nós vamos ajudá-la.

- Alguém aí por favor, segure a madame - pediu o vendedor, recebendo de pronto a colaboração de vários voluntários. Tia Valda bufava no meio daquele sufoco e estava vendo a hora que iriam lhe arrebentar o sutiã. Na sua idade já não se sentia à vontade para fazer topless numa loja de artigos masculinos.

- Por que não cortam essa camisa? perguntou alguém do grupo de voluntários que seguia cambaleando pela loja, empencado em tia Valda.

- Não precisa cortar, nós vamos dar um jeitinho, disse o vendedor, que já suava mais que titia e que não queria pagar a camisa.

A essa altura, já havia uma multidão à porta da loja assistindo à cena.

Muita gente não entendia o que se passava, ao ver um grupo de homens agarrados a uma senhora de braços erguidos, entalada por uma camisa. Uma velhinha, na porta, imaginou, com toda a razão, que o grupo estava querendo despir tia Valda para violentá-la na loja, e resmungou:

- Esses vendedores são uns tarados

A confusão aumentava. Tia Valda, camisa grudada no corpo, pedia que chamassem o Corpo de Bombeiros. Alguém sugeriu que sentassem titia.

- Amarrem essa velha numa cadeira!

Depois de muito esforço, a camisa acabou sendo rasgada, para alívio de tia Valda, que arfava como se estivesse passado todo esse tempo debaixo d'água. Ela agradeceu os aplausos e voltou à cabine para se recompor. No momento em que abotoava a blusa, viu um braço varando a cortina do cubículo. Era o vendedor, entregando-lhe uma camisa e dizendo:

- A senhora não gostaria de experimentar esse outro modelo?

A pedido de Auxiliadora N. de Sá X. Moraes

O Grupo Literário reserva-se o direito de promover a correção de possíveis lapsos identificados nos trabalhos a serem publicados no Encarte Cultural.